

(IN)FORMAÇÃO  
COOPERATIVISTA NOS  
CADERNOS DO COTRIJORNAL.

JOSEI FERNANDES PEREIRA  
Universidade de Passo Fundo  
josei.pereira@hotmail.com

### RESUMO

Seja como fonte, seja como objeto, são muitas as características que fazem dos jornais ótimas referências para a pesquisa historiográfica, pois representam uma interpretação da realidade, dada num determinado contexto, por sujeitos situados dentro da complexidade deste contexto. Partindo da compreensão de que a relação entre o discurso jornalístico e o imaginário social para o qual ele se dirige não se trata de uma relação passiva, este artigo buscou analisar os conteúdos e os discursos de um veículo midiático em particular. Apesar deste veículo estar situado num contexto regional, registrou dados de uma fase significativa para o desenvolvimento agro-empresarial brasileiro durante a “revolução verde”. Criado pela Cotrijui em 1973, o Cotrijornal foi um veículo midiático empresarial de difusão de informações e fatos aos associados daquela cooperativa que, ao longo do período de estudo (1973-1993), tornou-se uma grande empresa do setor agropecuário e industrial, exercendo influência econômica à nível nacional e projetando-se internacionalmente. Percebemos que, ao longo do seu desenvolvimento o Cotrijornal adquiriu proporções maiores do que as inicialmente desejadas por seus idealizadores, mudando sua estrutura e objetivos para atender a uma classe diferente de leitores. Ainda assim, manteve-se fiel aos princípios ideológicos da educação cooperativista, propostos desde suas primeiras edições, de informar e capacitar seu quadro social quanto ao desenvolvimento agrícola, num contexto marcado pela ascensão da tecnologia e pelo exponencial aumento da produtividade no campo. Ou seja, de conduzir os sujeitos de um determinado contexto social num processo de profunda transformação social mantendo em evidência um conjunto de parâmetros ideológicos que determinam, por sua vez, os próprios objetivos editoriais daquele veículo.

**Palavras-chave:** Cotrijornal; Cotrijui; História Regional; História & Imprensa.

COOPERATIVE (IN)  
FORMATION IN THE  
COTRIJORNAL SECTIONS

JOSEI FERNANDES PEREIRA  
Universidade de Passo Fundo  
josei.pereira@hotmail.com

## ABSTRACT

Whether as a source or as an object, there are many characteristics that make newspapers great references for historiographical research, as they represent an interpretation of a reality in a given context by subjects situated within the complexity of this context. Based on the understanding that the relationship between journalistic discourse and the social imaginary to which it is directed is not passive, this article sought to analyze the contents and discourses of a particular media vehicle that, despite being located in a regional context, recorded data from a significant moment for the Brazilian agro-business development during the “green revolution”. Created by Cotrijui in 1973, Cotrijornal was a business media vehicle for disseminating information and facts to members of that cooperative. Throughout the study period (1973-1993), it has become a large company in the agricultural and industrial sector, exercising economic influence at the national level and projecting itself internationally. We noticed that, throughout its development, Cotrijornal acquired larger proportions than those initially desired by its creators, changing its structure and objectives to serve a different class of readers. Even so, it remained faithful to the ideological principles of cooperative education proposed since its first editions, to inform and train, as its social framework regarding agricultural development, in a context marked by the rise of technology and the exponential increase in productivity in the field. In other words, it did lead the subjects of a given social context in a process of profound social transformation keeping in evidence a set of ideological parameters that define the very editorial objectives of that vehicle.

**Keywords:** Cotrijornal; Cotrijui; Regional History; History and Press.

## INTRODUÇÃO

Muitas características fazem dos jornais ótimas fontes para pesquisa historiográfica. Como fonte, propriamente dito, o jornal confere aos historiadores o que Márcia Espig chama de “arquivos do cotidiano”, nos quais podemos acompanhar a memória do dia a dia [e] a inserção do acontecimento histórico dentro de um contexto mais amplo” (ESPIG, 1998) Contudo, para a mesma autora, a forma de tratamento do jornal como uma fonte de informações em si mesmo, bem como a ausência de crítica interna do conteúdo jornalístico, são problemas frequentes na abordagem da imprensa pelos historiadores:

A imprensa não informa a história, simplesmente, e não basta ao pesquisador retirar de suas páginas os dados referentes ao período desejado para que possa considerar o seu trabalho concluído. Sobre o jornal devem incidir reflexões metodológicas que possibilitem uma leitura intensiva e competente, através da qual se possa desvendar cuidadosamente o que é importante dentro de determinado assunto. (ESPIG, 1998, p. 274)

São, pois, duas as principais características do jornal: quando utilizado como fonte, confere ao historiador um mecanismo de acesso ao registro cotidiano dos acontecimentos de uma determinada época (nas entrelinhas das matérias, publicidades e editoriais); quando utilizado como objeto, confere ao historiador um campo muito denso de pesquisa sobre o pensamento, a cultura e as ideologias vigentes naquele contexto.

Se considerarmos o jornal como uma interpretação da realidade dada num determinado contexto por sujeitos situados dentro da complexidade do mesmo, a análise de conteúdo seria uma espécie de interpretação da própria interpretação (THOMPSON, 2011, p. 358). Esta forma de análise ganha, em Thompson, o nome de *hermenêutica de profundidade*, “este referencial [que] coloca em evidência o fato de que o objeto de análise é uma construção simbólica significativa, que exige uma interpretação. Por isso, devemos conceder um papel central ao processo de interpretação” (THOMPSON, 2011, p. 355).

Trata-se de uma valorização do acontecimento pelo historiador que se deve à importância que a própria mídia adquiriu em nossa sociedade. O surgimento de tecnologias voltadas para produção e disseminação de conteúdo informacional têm, ao longo dos últimos séculos, contribuído para a irrupção de processos revolucionários no campo da cultura, influenciando a forma como a sociedade se organiza nos campos político e econômico. Acontecimentos em partes remotas do planeta, antes ignorados, agora são apresentados de forma quase irresistível diante das imagens criadas pela imprensa falada, escrita ou televisionada. Os jornalistas são os porta-vozes do acontecimento, que por sua vez também é influenciado, em sua criação, pela ideologia e pela publicidade. Esta é a razão pela qual o historiador não pode deixar de se interessar pelo acontecimento, colocando-o como um ponto de referência central dos indivíduos situados numa cultura de massa. Para Abreu:

Entender a construção do acontecimento através da imprensa é uma maneira de esclarecer momentos significativos de mudanças na sociedade e identificar uma situação histórica e social que deu lugar ao acontecimento. (...) A imprensa introduz no sistema social novas formas de pensar, elabora e interpreta aspirações e demandas da sociedade, ou seja, enquanto ator social, participa de todo o processo político (ABREU, 1998, p.62)

A cultura de massa é um dos principais mecanismos definidores das relações entre os indivíduos situados nas sociedades contemporâneas. Dias (2014, p.2) classifica as mídias como as “rodas de fiar do mundo moderno”, pelas quais “jornalistas e suas empresas constroem e rememoram o passado para atender agendas específicas”. **O autor justifica a importância de se problematizar as leituras de mundo que os veículos de imprensa construíam no passado, suas expectativas e a ressignificação em relação ao mesmo, expresso na forma como os jornais tratam a própria memória e recriam os acontecimentos de acordo com estas expectativas.** Neste artigo, partimos da compreensão de que esta relação entre o discurso jornalístico e o imaginário social para o qual ele se dirige não se trata de uma relação passiva, pois:

Ao mesmo tempo em que se esforça para adequar-se ao imaginário social da sociedade à qual se dirige, a imprensa também contribui para criar ou modificar este imaginário (...): ao mesmo tempo em que dá exteriorização a um determinado discurso criador de significados, também encontra-se atrelado ao que é possível dizer, ou seja, seu discurso não pode fugir da visão de mundo presente naquela sociedade, sob o risco de tornar-se algo sem sentido. (ESPIG, 1998, 277)

É partindo destas premissas que este artigo objetiva realizar uma análise inicial de um veículo midiático em particular, que considere o próprio jornal como uma “representação possível acerca do real” (ESPIG, 1998, p.275), num contexto histórico que, embora regional, representa uma fase bastante significativa tanto para o desenvolvimento agro-empresarial da sociedade brasileira entre as décadas de 1970 e 1990 (fase de implantação e consolidação da assim chamada “revolução verde”). Interessa-nos compreender as forças políticas, econômicas e ideológicas que atuavam sobre as representações da realidade que foram apresentadas nos aos agricultores, pequenos e médios em sua maioria, em uma relação dialógica com o próprio imaginário social do grupo ao qual se dirigia. Referimo-nos ao Cotrijornal, veículo de difusão de informações e fatos aos associados de uma cooperativa que, ao longo do período trabalhado, exerceu grande influência econômica tanto à nível local/regional quanto também, à nível nacional, dadas das relações estabelecidas com o regime político vigente e o contexto favorável de desenvolvimento, como veremos a seguir.

## O COTRIJORNAL

O Cotrijornal foi criado em 1973 para atender ao objetivo central de estabelecer um canal de informação aos associados da Cooperativa Regional Triticola Serrana (Cotrijui). Fundada em em Ijuí em 20 de julho de 1957, a Cotrijui alcançou um lugar de destaque entre as décadas de 1970 e 1980, chegando a ser considerada a maior empresa do ramo na América Latina e uma das maiores do mundo, com unidades operacionais concentradas nas regiões sul, centro-oeste e norte do país, atuando em praticamente todas as áreas da cadeia produtiva dos setores primário e secundário da economia: produção de sementes, produção de cereais diversos, agropecuária, indústria, comércio, além da prestação de serviços como assistência técnica aos produtores associados, pulverização aérea, processamento de dados, exportação, importação e pesquisa científica aplicada.

Sua trajetória divide-se em três momentos chave: a fase de criação e consolidação, entre 1957 e 1970; a fase de ampliação significativa dos quadros sociais, capacidade de recebimento,

logística e área de atuação, entre as décadas de 1970 e início da década 1990; e a fase de estagnação e crise, que culminou no processo de liquidação judicial que decorre de uma crise conjuntural somada a fatores climáticos e administrativos em geral.

Grande parte da história da Cotrijui encontra-se registrada nas páginas do Cotrijornal, um jornal impresso de periodicidade mensal, produzido mantido pelo setor de comunicação da cooperativa entre julho de 1973, quando a cooperativa comemorou o 16º aniversário de fundação e agosto de 1994, ano traumático para a cooperativa (e também o ano da última edição do jornal). O periódico mensal de informação dos associados da cooperativa surgiu em meio a um momento de grande expansão do cooperativismo e, em especial, da Cotrijui, que lançava bases físicas em praticamente toda a região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e planejava expansões ousadas para o centro-oeste e norte do país.

O jornal era produzido por uma equipe chefiada por um jornalista profissional, funcionário da cooperativa. Possui uma forte parceria com a faculdade local<sup>1</sup>, que produzia suplementos informativos para o jornal e atuava na formação dos quadros associativos. Conquistou repercussão nacional até internacional com uma proposta de jornalismo alternativo, voltada principalmente para o cooperativismo e para o atendimento das necessidades do quadro social da própria cooperativa, construindo parcerias importantes com a comunidade local e regional.

A década de 1970 representou um divisor de águas na cultura agro-empresarial brasileira, sendo o período em que a Cotrijui deu seu salto desenvolvimentista como o alargamento das fronteiras socioeconômicas. Ao mesmo tempo em que aumentava sua infraestrutura, construindo unidades na região noroeste do Estado do RS, e ainda um terminal portuário particular em Rio Grande<sup>2</sup>, a Cotrijui ampliava também sua área de atuação e seu quadro social, que atingiu em 1973, ano da criação do Cotrijornal, 8.371 famílias associadas, acumulando uma média de 500 novos associados por ano desde a sua fundação, em 1957, conforme o gráfico a seguir:

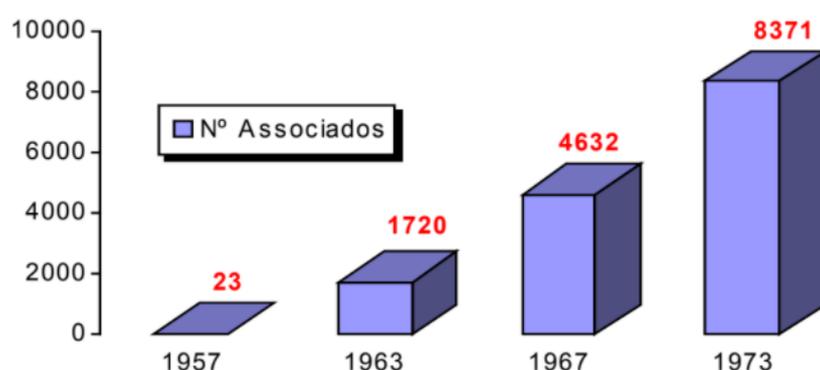


Gráfico 1: Evolução do quadro social da COTRIJUI 1957-1973

Fonte: Livros de matrícula, arquivos COTRIJUI

1 A Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí, que àquela época, ainda não possuía o status de Universidade, mais tarde (em 1985) atribuído sob o título de Unijui - Universidade Regional.

2 O Terminal Graneleiro de Rio Grande, atualmente chamado de complexo Tergrasa S.A., foi adquirido pela Cooperativa Central Gaúcha de Leite, CCGL, no início da década de 1990.

Dez anos mais tarde, em 1983, a Cotrijui atingiu o auge de sua expansão com a marca de 21.818 associados, distribuídos em três regiões de abrangência: a Regional Pioneira, correspondendo à região noroeste do Estado do RS; a Regional Dom Pedrito, na fronteira sudoeste do RS; e a Regional Mato Grosso do Sul, na região de Maracajú-MS, além do Terminal Graneleiro em Rio Grande-RS e uma grande área de colonização na região de Altamira-PA, obtida em convênio com o recém-criado Incra — Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (COTRIJORNAL, nov.1978, p.4-7).

Não obstante o crescimento no número de associados tenha dobrado, para uma média de cerca de 1.300 novas matrículas por ano, é no início da década de 1970 que percebe-se o maior crescimento acumulado daquela cooperativa como um todo: na geração de empregos regionais, no retorno de impostos aos municípios onde se instalava, na realização de obras de infraestrutura para atender a sua demanda de produção (como o terminal marítimo graneleiro, inexistente até o momento, e os ramais ferroviários para transporte de grãos do interior do Estado para o porto de Rio Grande). A Cotrijui se ampliava, e com ela ampliava-se a necessidade de coesão do quadro social crescente, principalmente no que tange à informação acerca dos acontecimentos no setor agrícola mundial, em uma época em que o próprio conceito de “agronegócio” surgia, tornando-se um campo da economia muito mais dinâmico. Em toda a parte falava-se em mercado futuro da soja, bolsa de cereais e ‘*hedge*’, conceitos que eram entendidos apenas por uma minoria de agricultores.

Anos antes da criação do COTRIJORNAL, outro fator importante foi o crescimento da produção de soja no Brasil, acentuado principalmente durante o início da década de 1970. Segundo Fearnside (1995), este aumento se deveu a busca do mercado europeu por uma proteína que substituísse a farinha de peixe, cuja matéria prima principal, a anchova produzida no litoral de países andinos, sofreu uma grande queda de produção devido a uma combinação de fenômenos marítimos e meteorológicos que atingiu a costa noroeste do pacífico na América Latina (FEARNSIDE, 1995).

O incremento na produção de soja é facilmente percebido no gráfico a seguir, que mostra o crescimento vertiginoso do recebimento desta oleaginosa nos armazéns da cooperativa entre 1969 e 1970:

---

<sup>3</sup> Termo utilizado para operações do mercado financeiro com o objetivo de proteger investimentos de pessoas jurídicas ou físicas.

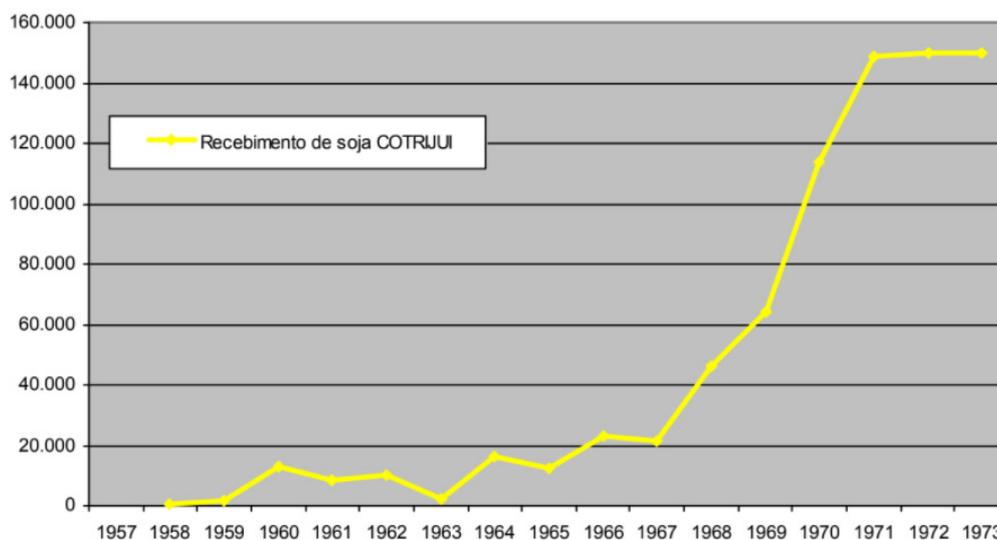


Gráfico2: Recebimento de Soja na Cotrijui (t) 1957-1973.

Fonte: IPD-UNIJUI, Arquivos COTRIJUI

A Cotrijui foi uma das primeiras cooperativas a iniciar a exportação de soja do Brasil em 1959 (FRANTZ, 1982, p.74), mas as idas e vindas dos regramentos, a competição desigual com as empresas individuais (submetidas a regras diferentes das impostas às cooperativas), fez com que o recebimento deste produto nos armazéns da cooperativa oscilasse bastante desde 1959. Em 1970 o recebimento anual de soja dobrou a média e continuou subindo. Por ser quase instantâneo, este incremento da produção de soja trouxe consigo mudanças no sistema de comercialização da cooperativa. Estas mudanças visavam atender as exigências do mercado internacional, a cada dia mais complexo e exigente, adequando a cooperativa às suas normas e garantindo assim a manutenção das exportações. Dentre estas mudanças, as que surtiram maior impacto sobre o produtor foram a mudança dos meios de entrega da produção e as tabelas diferenciadas de preços.

Aliado a isto, em 1973 ocorreu o cancelamento do embarque de milhares de toneladas de soja dos Estados Unidos (maior produtor na época) para a Rússia, causando um aumento instantâneo no preço mundial da soja, que praticamente dobrou de preço. A Cotrijui havia adotado dois métodos de comercialização desde a última safra: Preço Médio e Preço do Dia, mas não divulgou suficientemente a lógica de funcionamento de ambas modalidades. Muitos produtores entregaram soja ao preço do dia e obtiveram altos lucros. Outros, no entanto, entregaram no sistema preço médio e sentiram-se prejudicados pela cooperativa (QUEVEDO, dezembro 1978).

As atas de Assembléia Geral de 14 de abril e 9 de julho de 1973, ilustram a situação:

Após explanação do Presidente sobre o sistema de comercialização de soja adotado pela cooperativa desde a última safra, foi questionado pelo associado Adelchi Rodrigues sobre dúvidas neste sistema. O Presidente teceu uma série de considerações, e concluiu fazendo um apelo no sentido de que o corpo social mantenha sempre o diálogo com os administradores da cooperativa (Ata AGO 14 de abril de 1973, pg. 9). [...] Para conhecimento dos presentes, O Sr. Presidente esclareceu que a Cooperativa lançara ainda neste mês um periódico para distribuição aos associados, denominado COTRIJORNAL (...). A seguir (...) fez uma longa

explicação sobre a comercialização de soja no corrente ano, explanando as mais diversas facetas do mercado internacional, da retenção, das despesas e outros aspectos. (Ata AGO de 9 de julho de 1973, pg. 14).

Estas duas passagens evidenciam que, primeiro, houve a insatisfação por parte de produtores que desconheciam as mudanças nos procedimentos de entrega da soja, tendo esta insatisfação sido levada inclusive à Assembléia Geral, e, segundo, que a cooperativa percebia a necessidade de manter seu quadro social informado, incentivando-o a manter o diálogo com os administradores, buscando sempre informações atualizadas sobre a cooperativa, não obstante carece de um instrumento adequado de informação dos associados, tendo para tanto, frequentemente utilizado a Assembléia Geral como recurso, o que dificultava a tomada de decisões e aumentava a insatisfação.

Dessa forma, o primeiro canal de informação criado pela cooperativa, com o objetivo de informar os associados sobre acontecimentos relevantes e eventuais problemas técnicos ou de comercialização, foi o “Informativo COTRIJUI”, uma coluna semanal publicada no jornal Correio Serrano de Ijuí. Sua primeira edição, em 4 de outubro de 1967, assim apresentava o seu objetivo:

Fazer chegar até os mais distantes rincões (...) da região notícias de interesse dos cooperados e, de um modo geral, de todos os agricultores (...) de uma maneira clara ir ao encontro dos associados, transmitindo-lhes os costumeiros avisos de nossa Cooperativa (...) divulgar normas técnicas de culturas agrícolas e de fomento à produção, levando assim ao conhecimento dos agricultores cooperados o que de mais técnico e avançado se verifique nos campos de experimentação. (Informativo COTRIJUI. In: Correio Serrano, 14 de outubro de 1967).

O “Informativo COTRIJUI” circulou nas páginas do Correio Serrano até julho de 1973. Antes disso, no dia 16 de novembro de 1969, o mesmo “Informativo COTRIJUI” foi ao ar em uma versão radiofônica, em uma cadeia regional formada pelas rádios Progresso de Ijuí-RS e Difusora de Três Passos-RS. Segundo Mario Osorio Marques, “a base da estrutura organizacional de uma cooperativa está na sua estrutura de comunicação. E fazer comunicação não é só botar um jornal, criar um programa de rádio, e aí dizer: ‘temos comunicação na cooperativa’.” (MARQUES, 1980). A existência de um projeto abrangente de comunicação entre os associados e a cooperativa é necessária para que haja o entendimento entre ambas as partes, e assim exista a cooperação. É o próprio Mario Osório Marques que afirmava: “para haver cooperação é necessário que os homens conheçam quais são os seus problemas comuns (...) é preciso trocar idéias, pensar juntos, falar uns com os outros, comunicar-se. Sem comunicação não pode haver cooperação” (MARQUES, 1973).

Neste ponto, é importante considerarmos que a existência do Cotrijornal, possibilitou também o registro, em suas páginas, da própria historicidade da experiência humana, num determinado espaço e tempo, e num contexto de profundas transformações percebidas nas matrizes produtivas nacionais: o auge da chamada ‘revolução verde’. Segundo Thompson:

Os sujeitos que constituem parte do mundo social estão sempre inseridos em tradições históricas. Os seres humanos são parte da história, e não apenas observadores ou espectadores dela; tradições históricas e a gama complexa de significados e valores que são passados de geração a geração, são em parte constitutivos daquilo que os seres humanos são (...). os seres humanos são sempre parte de contextos sócio-históricos mais amplos. (2011, p. 360)

A criação do COTRIJORNAL em julho de 1973, fez parte de um projeto de desenvolvimento da região noroeste do Estado do RS, por meio da comunicação e da educação dos agricultores associados à cooperativa. Este trabalho vinha sendo realizado MCBI (Movimento Comunitário de Base de Ijuí) desde 1961, foi continuado pela FIDENE (Fundação de Desenvolvimento do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul) e posteriormente pela COTRIJUI, principalmente após a assinatura de um convênio entre as duas instituições nos primeiros dias de maio de 1970. Com a formalização desta parceria, ambas as entidades:

Se comprometeram a colaborar mutuamente no campo da educação e pesquisa. A Fidene, tendo como base as necessidades e aspirações dos agricultores, encarregou-se de pensar e elaborar projetos técnicos e de educação. A COTRIJUI, por sua vez, coube aprová-los ou não. Uma vez aprovados, fornece a necessária cobertura financeira para sua execução (“O Convênio COTRIJUI/FIDENE”. In: COTRIJORNAL, ano 1, no 1, pg.12).

Dois exemplos de atividades realizadas pelo convênio: a formação de Núcleos de Base, formados pelos agricultores nas suas localidades, com o objetivo de buscar soluções em conjunto para os problemas de cada localidade; e a promoção de cursos para aprofundamento dos assuntos e temas debatidos nas reuniões destes núcleos. Após a experiência inicial obtida com a parceria com a Fidene, a Cotrijui fundaria em 1974 seu próprio Departamento de Comunicação e Educação. A Fidene, por sua vez, passaria a dar suporte teórico para a Cotrijui. Neste sentido, o Cotrijornal surge como um importante complemento da comunicação da cooperativa; como difusor dos resultados e dos debates obtidos nos encontros de cada um dos Núcleos de Base, colocando os associados de toda a Cooperativa a par dos acontecimentos e decisões dos seus colegas em toda a área de atuação.

A justificativa da criação do Cotrijornal foi assim definida no editorial de sua primeira edição: “Ele nasceu da necessidade de comunicação, numa época em que as comunicações são partes destacadas na convivência do homem moderno, que vive num mundo também moderno” (“Nós e os Pioneiros de Rochedale”. COTRIJORNAL, ano 1, n° 1, pg. 2, 1973). O editorial da primeira edição toma a memória dos assim chamados “pioneiros de Rochdale”, um grupo de tecelões à que são tradicionalmente creditadas as honras pelo surgimento do movimento cooperativista<sup>4</sup>, para reforçar o caráter transformador e desenvolvimentista do cooperativismo, expresso ideologicamente na figura dos tecelões desempregados da revolução industrial, como bastiões da resistência às transformações da sociedade. No entanto, o contexto de criação do jornal encontrava-se num tempo de profundas rupturas na esfera social e econômica, com a rápida transformação da paisagem rural e a implantação de um modelo empresarial de gestão dos negócios agropecuários. Para Thompson, “em tempos

---

4 Em do século XIX, ganham espaço as ideias de socialistas utópicos como Owen e Proudhon, e se corporificam na experiência mais relatada de cooperativismo: a dos Pioneiros de Rochdale, tida comumente como a primeira cooperativa do mundo fundada por tecelões desempregados na cidadela de Rochdale, Reino Unido, em 1844. Em “Costumes em Comum” Thompson cita a existência de um moinho em Birmingham (um dos principais centros comerciais do Reino Unido à época) que, já no início do século XIX, fornecia pão a preço de custo aos fazendeiros locais, funcionando como uma espécie primitiva de cooperativa de comerciantes de cereal. Em outro caso, Ruth Pierce, por volta de 1750, juntou-se com outras três mulheres para, juntas, comprar um saco de trigo de um fazendeiro. Estes exemplos demonstram a existência de um ativismo baseado na cooperação anterior à institucionalização da cooperativa dos tecelões de Rochdale. (THOMPSON, 1998, p.244)

de rápida mudança social e de conflito, os seres humanos se inclinam a ‘conjurar os espíritos do passado’ a fim de mascarar o presente e assegurar-se de sua continuidade com o passado” (2011, p. 361).

Percebemos que os objetivos da Cotrijui com a criação do Cotrijornal eram bastante específicos: diziam respeito à comunicação entre a cooperativa seus associados, à divulgação dos encontros dos núcleos cooperativos (em que participavam uma grande parcela de associados<sup>5</sup>), e à sua utilização como ferramenta de educação do quadro social. Além disso, ao abordar como assuntos de pauta os grandes empreendimentos em que a cooperativa se lançava, individualmente ou em parceria com órgãos do Governo Federal, como a construção do Terminal Graneleiro em Rio Grande (capa da primeira edição), o projeto colonização da Amazônia (abordado em várias edições), e a expansão para a fronteira oeste do RS e o sul do MS, o Cotrijornal funcionava como uma poderosa ferramenta de educação ideológica e institucional da Cooperativa, divulgando uma boa imagem para a sociedade e atraindo novos associados. Mario Osório Marques nos esclarece esta questão:

Criam-se, para tanto, departamentos de comunicação, [...] os quais assumem, mais explicitamente, outras funções, quais a da doutrinação cooperativista, as da veiculação de informações e orientações administrativas, as de relações públicas com vistas à boa imagem da Cooperativa. Instrumentos para tanto são, em muitos casos, [...] os jornais mantidos pelas cooperativas” (Marques, 1980).

A análise das capas do primeiro ano de edições demonstra essa preocupação com o registro do envolvimento direto da Cotrijui com pautas nacionais relacionadas à grandes temas estruturais e desenvolvimentistas:

1ª edição, julho de 1973	Terminal Graneleiro da Cotrijui em Rio Grande
2ª edição, setembro de 1973	O papel do cooperativismo para acabar com a fome mundial
3ª edição, outubro de 1973	Ferrovia e Rodovia (sobre o empenho da Cooperativa no estímulo a realização de grandes obras de infraestrutura)
4ª edição, novembro de 1973	Planos de pesquisa (sobre o empenho da Cotrijui na criação de um centro de pesquisa agrônômica regional)
5ª edição, dezembro de 1973	Cotrijui no mercado europeu (representação brasileira em feiras mundiais)
6ª edição, janeiro de 1974	Hidrovias no sul (Cotrijui retoma projeto de construção de hidrovias do final do segundo reinado)
7ª edição, fevereiro de 1974	O ano da população mundial; 20 anos de supermercados no Brasil (inauguração de lojas da Cotrijui e planos da FAO para conter a fome)
8ª edição, março de 1974	Presidente Geisel inaugura Superporto da Cotrijui em Rio Grande
9ª edição, abril de 1974	Ministro da Agricultura visita Cotrijui
10ª edição, maio de 1974	Cotrijui em Brasília, em visita ao Ministro da Agricultura
11ª edição, junho de 1974	Ministro dos Transportes recebe a Cotrijui em Brasília
12ª edição, agosto de 1974	Carta do Ministro da Agricultura: “cooperativismo é bem comum”

Tabela 1: relação de matérias de capa das 12 primeiras edições do COTRIJORNAL

Tais objetivos puderam ser identificados ao analisar as pautas e a estrutura do

5 O relatório de atividades do Serviço de Comunicação e Educação Cooperativa das Cooperativas –FECOTRIGO, de 1980, apresentava a COTRIJUI como primeira colocada no “ranking” das cooperativas do Estado do RS. No referido ano, a COTRIJUI possuía 239 Núcleos organizados, contra 1.419 no resto do Estado; realizou 920 reuniões, contra 2.858 no resto do Estado; realizou 6.125 trabalhos com esposas e filhas de associados, contra 9.456 em todo o Estado; e teve 21.200 participantes, contra os 72.987 de todas as cooperativas do Estado, representando cerca de 30% de todo o fluxo de atividades desenvolvidas em todo o Estado do RS.

Cotrijornal. No período compreendido entre julho de 1973 e maio de 1975, que corresponde às suas 26 primeiras edições, o Cotrijornal pouco variou em formato e estrutura. Feito em tamanho A3, tinha uma tiragem de 8.500 cópias (aproximadamente o número de associados da Cooperativa à época) e teve em média 14 páginas organizadas em seções e suplementos conforme segue:

- **Capa:** contendo informações sobre o conteúdo da edição, manchetes e assuntos principais. Grandes empreendimentos, visitantes ilustres ou acontecimentos marcantes da Cotrijui, estão presentes em praticamente todas as capas das primeiras edições;
- **Editorial e Perspectiva:** geralmente no verso da capa, informavam ao leitor sobre a manchete da edição, o assunto mais importante. Os editoriais em geral abordavam temas relativos à agricultura, ao cooperativismo e à economia;
- **Mundial:** com informações sobre a agricultura no mundo e, esporadicamente, curiosidades e conhecimentos sobre países diversos;
- **Técnicos:** abordando informações técnicas específicas, como manejo, plantio, variedades de sementes e forrageiras;
- **Sindical:** Espaço destinado para a publicação de informações sobre os sindicatos rurais da área de atuação da cooperativa;
- **COTRISOL:** este suplemento infantil, rico em ilustrações, versos e brincadeiras, esteve presente desde a primeira edição do Cotrijornal, tendo seu nome sido escolhido a partir da terceira edição do jornal. Elaborado pela Escola Francisco de Assis (EFA) da FIDENE, abordava o tema ‘cooperativismo’ de maneira lúdica e foi vastamente utilizado por professores em sala de aula como suplemento educativo, como se pode perceber nas cartas recebidas e publicadas em diversas edições do Cotrijornal.
- **Avisos:** nas primeiras edições em geral, a seção “Avisos” buscava explicar detalhadamente o novo sistema de comercialização de soja da Cooperativa, uma preocupação latente da administração principalmente devido a grande expansão que esta cultura registrava no período.

As primeiras edições do Cotrijornal podem ser caracterizadas como o período de afirmação do jornal como meio de comunicação que se propunha alternativo e dedicado à causa do cooperativismo. Raul Quevedo, primeiro redator do Cotrijornal, assim resumiu esta fase em matéria publicada no próprio jornal:

O jornal de cooperativa nasce com um destino específico: popularizar o sistema, (...) caracterizar-se, a priori, através de uma ‘linha de alto nível moral’, (...) mostrar a seus leitores as deficiências, as contradições e a pobreza moral do capitalismo clássico, (...) se constituir no órgão representativo, (...) nunca no jornal meramente voltado a fazer propaganda do sistema. (Quevedo, setembro 1978).

Considerado inovador para a época, o jornalismo cooperativista buscava uma linha editorial que destoasse dos veículos de imprensa tradicionais existentes naquele contexto, pautado pelos objetivos da Cooperativa e do próprio movimento cooperativista, mas também profundamente vinculado ao projeto político de desenvolvimentismo nacional:

Nossa preocupação hoje é com o jornal de cooperativa. Por ser novo no contexto da imprensa nacional, pode e deve estabelecer parâmetros editoriais que o distinga do jornalismo convencional (...); o jornal de cooperativa só justifica a sua participação no seio da comunidade a qual serve, sendo intransigente com sua própria ética. (QUEVEDO, outubro de 1978).

A partir da 20ª edição, em junho de 1975, percebe-se uma mudança no formato e na estrutura do Cotrijornal. O jornal ganha mais páginas, ficando em torno de 24 (chegando à 30 páginas meses mais tarde), a tiragem sobe para 12.500, acompanhando o crescimento social da Cooperativa, a linha editorial se altera, proporcionando maior espaço para seções de conhecimentos gerais, curiosidades e educação, porém sem alterações nas seções existentes e até então editadas. A elas, somam-se as seguintes novas seções:

- **Ecologia:** espaço dedicado a discutir questões ligadas à preservação do meio ambiente: cuidados com a destinação correta de ‘defensivos agrícolas’ (eufemismo recorrente para se tratar dos agrotóxicos, tema abordado com frequência inclusive no suplemento infantil COTRISOL), erosão do solo e plantio direto na palha, técnica esta que passaria a ser amplamente difundida pela Cooperativa no Cotrijornal e na seção Técnica.
- **História:** contando a história dos municípios da área de atuação da Cotrijui e do Estado do RS.
- **Opinião:** seção com artigos que abordavam temas diversos. Nas primeiras edições do Cotrijornal, os artigos foram assinados por colunistas de renome, como Ana Amélia Lemos e Luis Fernando Veríssimo.
- **Música:** curiosidades sobre música: gêneros musicais, músicos, compositores, etc.
- **Feminina:** uma seção com artigos sobre culinária, educação infantil, cuidados com a casa, corte e costura, etc.
- **Segurança:** alertando os agricultores sobre aspectos de segurança no trabalho no campo: uso de equipamentos de proteção para a aplicação de agrotóxicos, cuidados no manuseio de equipamentos e máquinas, prevenção de incêndios, etc.
- **Saúde:** a discussão constante de temas relacionados à saúde comunitária, fez com que a Cotrijui se engajasse na causa, promovendo, dentre outras ações, a saúde preventiva, tema para o qual dedicava uma seção especial no COTRIJORNAL.
- **Municípios:** divulgação dos principais acontecimentos dos municípios da área de atuação da Cotrijui.
- **Caprichos da Natureza:** seção de curiosidades, em que se publicavam fotos curiosas de vegetais e animais nascidos com os mais estranhos formatos. As fotos eram enviadas por associados da Cooperativa.
- **Livros:** dicas de leitura e lançamentos de livros diversos.
- **Seção de cartas dos leitores.**

Uma análise rápida sobre a seção “cartas dos leitores” ao longo das primeiras 24 edições do Cotrijornal, revelou alguns aspectos importantes sobre a origem dos leitores e as mudanças que serão implementadas na estrutura do jornal ao longo dos próximos anos, conforme ilustrado na tabela a seguir:

	Escola	Governo	Leitor	Profissional	Empresa
1973	1	5	0	1	21
1974	0	2	1	8	14
1975*	0	1	1	2	4
<b>TOTAL</b>	<b>1</b>	<b>8</b>	<b>2</b>	<b>11</b>	<b>39</b>
	<b>2%</b>	<b>13%</b>	<b>3%</b>	<b>18%</b>	<b>64%</b>

Tabela 2: Classificação por origem das cartas à redação, 1973-1975. Fonte: COTRIJORNAL, seção de cartas.

Analisadas as seções de cartas do período compreendido entre a criação do Cotrijornal (julho-1973) e a primeira grande mudança em sua estrutura (maio-1975), constatamos que o veículo que fora criado com o intuito de ser uma ponte para informação e educação do quadro social da Cotrijui, o Cotrijornal aparentemente acabou interessando igualmente a um público diferenciado, para além dos agricultores associados, como empresários (geralmente ligados a ramos específicos do agronegócio), políticos e profissionais liberais. A mudança percebida na linha editorial do jornal, buscou atender as exigências de um público leitor mais qualificado, como pessoas e empresas ligadas à cooperativa, outras empresas, profissionais liberais, órgãos governamentais e até mesmo escolas das redes públicas e privadas da área de atuação.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora encontre-se em fase inicial, este estudo permitirá traçar um painel das questões mais relevantes no processo de participação dos associados de uma cooperativa que foi chave no processo de modificação das estruturas produtivas, no contexto da Revolução Verde, num determinado espaço e tempo: o RS entre as décadas de 1970 e 1980. Quais as questões que constituíam do ponto de vista da inovação técnica, da melhoria das culturas, da comercialização, do sistema interno de poder. O estudo dos efeitos das informações divulgadas pelo Cotrijornal, e a sua eficácia de atuação em seu público-alvo, servem-nos para análise de sua história, e conseqüentemente para a compreensão do término de sua publicação anos mais tarde.

Criado para comunicar e informar os associados da Cooperativa, bem como para divulgar seus acontecimentos, o Cotrijornal adquiriu proporções maiores do que as inicialmente desejadas por seus idealizadores. Francisco Riopardense de Macedo, historiador e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em carta para a redação do Cotrijornal assim afirmou: “sabia da boa orientação que estavas dando para uma folha de grande divulgação no meio agrícola; mas não sabia até onde pretendiam elevar essa grande massa dos nossos irmãos que carecem de toda informação sobre comércio internacional e cultura em geral.” (“Cartas à Redação”, COTRIJORNAL, ano 3, n° 18, abril-1975). De fato, o perfil do Cotrijornal mudava, visando atender à uma mais ampla e exigente classe de leitores. Ainda assim, mantinha-se fiel

aos objetivos ideológicos de educação cooperativista, propostos desde suas primeiras edições, o de levar ao homem do campo às informações necessárias para o desenvolvimento das atividades agrícolas, num contexto marcado pela ascensão da tecnologia e pelo exponencial aumento da produtividade no campo. Ou seja, de conduzir os sujeitos de um determinado contexto social num processo de profunda transformação social, mantendo em evidência um conjunto de parâmetros ideológicos que determinam, por sua vez, os próprios objetivos editoriais daquele veículo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Alzira Alves de. Acontecimento e mídia. Anais do Colóquio História e Imprensa. UERJ/IFCH, 1998.
- Ata da Assembléia Geral Ordinária da Cooperativa Regional Tritícola Serrana. Arquivos COTRIJUI, 14 de abril de 1973, pg. 9.
- Ata da Assembléia Geral Ordinária da Cooperativa Regional Tritícola Serrana. Arquivos COTRIJUI, 9 de julho de 1973, pg. 14.
- Cartas à Redação. COTRIJORNAL, ano 3, n° 18, abril-1975
- DIAS, André Bonsanto. Para além do rascunho: jornalistas fazedores de história e as lembranças do golpe de 1964, 50 anos depois. LUMINA. UFJF, v. 8, dez 2014,
- FEARNSIDE, Philip M. O cultivo da soja como ameaça para o meio ambiente na Amazônia brasileira. In: Forline, L.C., Murrieta, R.S.S. e Vieira, I.C.G. (eds.). Amazônia além dos 500 Anos. Pg. 265-306. Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém-PA, 1995.
- ESPIG, Márcia Janete. O uso da fonte jornalística no trabalho historiográfico: o caso do Contestado. Revista Estudos Ibero-Americanos, PUCRS, v. XXIV, n. 02, dezembro 1998.
- Federação das Cooperativas de Trigo e Soja do Rio Grande do Sul - FECOTRIGO, O desafio da comunicação e educação cooperativa / Porto Alegre: FECOTRIGO, 1981. - 81 p.
- FRANTZ, Telmo Rudi, Cooperativismo empresarial e desenvolvimento agrícola: o caso da COTRIJUI / Ijuí: COTRIJUI, 1982.
- MARQUES, Mário Osorio. Comunicação e Educação Cooperativistas no Brasil. In: Revista Perspectiva Econômica. Ano XV, vol. 10, no 27, pg 33-50, 1980.
- MARQUES, Mario Osorio. Cooperativa e Jornal. In: COTRIJORNAL, ano 1, no 3, pg. 2, 1973.
- Nós e os Pioneiros de Rochedale. Editorial do COTRIJORNAL, ano 1, n° 1, p.2, 1973.
- O Convênio COTRIJUI / FIDENE. Editorial do COTRIJORNAL, ano 1, n° 1, p.2, 1973
- QUEVEDO, Raul. O Jornal de Cooperativa. In COTRIJORNAL, ano 6, n° 55, pg. 11, setembro 1978.
- QUEVEDO, Raul. O Jornal é o Retrato do seu Próprio Meio. In COTRIJORNAL, ano 6, n° 56, pg. 7, outubro 1978.
- QUEVEDO, Raul. Minha Experiência no COTRIJORNAL. In COTRIJORNAL, ano 6, n° 58, pg. 11, dezembro 1978.
- SIMON, Carmen Luiza. A Comunicação e Educação na COTRIJUI. Relatório de Estágio Supervisionado. 1983.
- THOMPSON, John B. Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- THOMPSON, Edward P. Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.